

# PRÁTICAS LABORAIS E AGENCIAMENTOS COTIDIANOS ENTRE MULHERES CAMPONESAS EM RINCÃO DOS ALVES (RS)<sup>1</sup>

Renata Piecha (UFSM/Brasil)  
Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM/Brasil)

**Palavras-chave:** Gênero. Trabalho. Agenciamentos.

## INTRODUÇÃO

O presente escrito parte de uma etnografia realizada entre os anos de 2018 e 2020 juntamente com mulheres camponesas da comunidade de Rincão dos Alves, quarto distrito do município de Jaguari, localizado na região central do Rio Grande do Sul. Nosso objetivo, usufruindo da observação participante, foi acompanhar e compreender as dinâmicas laborais dessas agricultoras que constituem famílias, integradas hoje, ao mercado mais amplo, mediante a inserção da fumicultura. Como resultado do processo de modernização que perpassa o rural brasileiro desde a década de 1970, nos últimos 20 anos, a fumicultura se insere em Rincão dos Alves, impondo-se como a atividade produtiva viável e lucrativa no presente momento. Trata-se de uma alternativa possível num quadro de busca pela reprodução da condição camponesa em consonância com lógicas do mercado. Sua presença vem modificando as lógicas produtivas, as relações sociais e de trabalho, as normas, costumes e paisagens, exacerbando e precarizando a jornada laboral das famílias camponesas. Baseando-se, na lógica do agronegócio<sup>2</sup>, destinado ao mercado mais amplo e a exportação de *commodities*, essa atividade agrícola se estrutura pela exploração de sujeitos e corpos subalternos, voltando-se, ainda, à esfera de trabalho reconhecida como masculina.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

<sup>2</sup> A lógica do agronegócio brasileiro conta com um aparato político e midiático, acarretando em um endividamento patronal custeado pelo Estado, constituindo-se por meio de relações de intensa exploração e precarização do trabalho na sua base (HEREDIA, et. al. 2010).

Todavia, buscamos destacar as visões (e ações) das mulheres sobre as suas sociedades, de acordo com a antropóloga palestina Lila Abu Lughod (1990), assim como salientamos a importância de trazer as problemáticas no neoliberalismo no cotidiano dos sujeitos, mas, também, suas formas de resistência, como sugere Sherry Ortner (2016). Afinal, como essas mulheres percebem a si mesmas, suas rotinas e vida cotidiana demarcada pelo trabalho nas lavouras, nas casas e nos cuidados com as famílias? Partindo disso, apresentamos as “quitandas” camponesas de Rincão dos Alves, isto é, um compilado de produtos, como o queijo “colonial”, pães, compotas e outros que advêm, exclusivamente, da esfera de trabalho dita feminina, sendo “saberes-fazer” resguardados na memória, transmitidas de geração em geração por/entre mulheres, entrelaçando temporalidades, conhecimentos e práticas.

As quitandas são comercializadas pela via da informalidade em circuitos curtos, para intermediários, que revendem, em seguida, esses produtos nos seus estabelecimentos urbanos, mas, também, estendendo-se a vizinhos, parentes e trabalhadores urbanos, mantendo relações de reciprocidade. Esses produtos são consumidos, majoritariamente, por cidadãos citadinos, que (re)conhecem a procedência e origem desses e lhes atribuem valor simbólico, visto que Jaguari, em sua constituição histórica, é resultado do processo de colonização europeia iniciado no Brasil no século XIX. Por sua produção e consumo se relacionarem com as identidades vigentes neste contexto, caracterizamos as quitandas camponesas como patrimônios materiais e imateriais. Por meio delas circulam materialidades e imaterialidades, contidas nas receitas de família, nos processos de produção passados de geração em geração e também as “modernidades” introduzidas.

O que motivou a análise desse cotidiano e mulheres específicas, foi o fato de que, uma das autoras, tem suas origens fincadas na comunidade de Rincão dos Alves. Abraçar a perspectiva de mulheres camponesas, uma compreensão acerca do mundo ainda marginalizado, foi, também, nossa força motriz. Quando voltamos o olhar para o trabalho feminino em Rincão dos Alves, vislumbramos que são as mulheres que preservam os saberes-fazer camponeses, seculares, que mantêm as raízes familiares, ligadas ao trabalho na terra e ao território. São, assim, agenciamentos cotidianos que tendem a se contrapor a homogeneizadora racionalidade capitalista, imersa nesse contexto mediante a inserção da fumicultura. Além disso, a renda extra propiciada pelas “quitandas” possibilita que alguns investimentos específicos sejam realizados, tais como investimento

em educação de algum dos filhos, autocuidado, utensílios domésticos que “facilitam” a vida diária, entre outros.

## CONTEXTUALIZANDO

Localizado na região central do Rio Grande do Sul, o município de Jaguari tem aproximadamente 11 mil habitantes, dos quais 43% residem no espaço rural e 47% desta população rural é formada por mulheres<sup>3</sup>. A grande maioria dos seus habitantes se reconhecem, atualmente, como descendentes de imigrantes europeus, uma vez que esse território, foi destino dos recém-chegados da Europa, entre os anos de 1888 e 1906, como resultado do processo de colonização iniciado no Brasil no século XIX<sup>4</sup>. Recebendo, na época, imigrantes de nacionalidades diversas, no dado momento, Jaguari se reconhece sendo, ao mesmo tempo, reconhecido como um município de colonização italiana. Hoje, 88,9% dessa população se define como branca, enquanto que 11,1% se reconhece como preta ou parda. A economia do município de Jaguari gira em torno da produção agrícola, sobretudo, do cultivo e comercialização do tabaco, que representa quase 50% do PIB do município.

Já a comunidade de Rincão dos Alves, foi, outrora, uma sesmaria destinada pelo Governo Imperial brasileiro ao português e republicano Zeferino Machado e, passada, pelo sistema de herança ao seu filho primogênito, João Alves Machado – figura que inspira o nome da comunidade. Com o passar dos anos, os colonos, de outras regiões do município, adquiriram essas terras, sendo em sua maioria, destinadas aos seus filhos, pois, de acordo com a lógica local, após constituir matrimônio, à prole masculina é destinada uma propriedade, desvinculada da família nuclear, para ali, construir morada e reproduzir a condição camponesa por meio do cultivo da terra. Assim, esse antigo latifúndio se dissolveu e deu lugar a cerca de 80 propriedades que possuem em média 25 hectares, regidas pela lógica da agricultura familiar e tendo como principal atividade produtiva a

---

<sup>3</sup> Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/jaguari/panorama> (acessado em janeiro de 2022).

<sup>4</sup> O projeto de colonização, com base em Giralda Seyferth (1986), teve como objetivos trazer ao Brasil pós-abolição mão de obra branca e livre, com intuito de povoar terras ditas devolutas, mas, acima de tudo, visava o branqueamento (por meio da miscigenação) da população como prerrogativa de progresso do país.

fumicultura. Quem reside em Rincão dos Alves hoje, reconhece-se como descendente de imigrantes poloneses, italianos ou alemães, formando grupos étnicos que elegend, conforme destaca Fredrick Barth (200), sinais adscritivos para si e para os outros, demarcando as fronteiras de interação. Há práticas e produtos que são reconhecidos como mais “italianos”, mais “alemães” ou mais “poloneses”. Há outros grupos também, como afrodescendentes, aqueles chamados de forma pejorativa de "brasileiros", pois não possuem uma origem europeia - o que consequentemente, não lhes confere dados atributos, tais como a disposição para o trabalho, uma vez que, para os descendentes de imigrantes europeus, o labor se apresenta como uma “virtude étnica”, como valor atrelado à etnia, como bem destacou Giralda Seyferth (1986) em seus estudos com colonos na região sul do Brasil. Vale afirmar que essa leitura se baseia na adesão da raça como atributo de superioridade, estruturada desde o processo de colonização.

Inserindo-se na lógica do campesinato que, de acordo com Ellen Woortmann (1995), define-se pela compreensão da família como instituição e valor, sendo esta ainda, o principal motor da mão de obra que se estrutura de acordo com a divisão sexual do trabalho – que se organiza por gênero e geração. Uma vez que os papéis de gênero são, fortemente, delimitados em Rincão dos Alves, as tarefas atribuídas a homens e mulheres também o são. De um lado, a esfera produtiva, o trabalho da lavoura, da fumicultura, considerado como de domínio masculino, compreendido por essas famílias como gerador de renda, atendendo à lógica do agronegócio e destinado ao mercado mais amplo. Do outro lado, a esfera reprodutiva, o trabalho da casa e do cuidado, delegado às mulheres – aquelas que garantem as necessidades básicas e cotidianas da família.

## **O TRABALHO NA FUMICULTURA**

Na comunidade de Rincão dos Alves a fumicultura se insere mediante o sistema de integração entre as agroindústrias fumageiras e a agricultura familiar como resultado da modernização do rural brasileiro iniciado desde os anos de 1970. Analisando as mudanças nas lógicas produtivas no interior fluminense, Gláucio Marafon (2009) afirma que a modernização do rural permite a introdução da lógica capitalista no campo,

transformando a produção em agronegócio, industrializando a agricultura e, conseqüentemente, subordinando a atividade agrícola à indústria. Todavia, definimos essa inserção como predatória, pois cabe às famílias fumicultoras a disponibilidade de mão de obra e o dispêndio de suas terras para o cultivo do tabaco, sem a garantia de direitos trabalhistas. Já as fumageiras, mediante o contrato, garantem financiamentos da infraestrutura (como galpões e estufas) e, anualmente, de insumos e sementes, assim como há a garantia da assistência técnica e da compra do produto final – pela lógica do “sistema de procedência”, isto é, as famílias estimam uma dada quantidade do produto que deverá ser entregue, ao final da safra, as empresas. Esse sistema de financiamentos é nocivo à autonomia econômica dessas/es trabalhadoras/es, visto que, antes de terem o dinheiro em mãos, devem quitar a dívida com as agroindústrias sob o risco de perda da propriedade familiar. Preocupações e ansiedades acompanham estas/es agricultoras/es quanto ao cumprimento do contrato e, assim, há a necessidade de uma grande exposição ao labor.

A rotina laboral frente a fumicultura despende trabalho o ano inteiro e, em época de colheita, segundo essas/es trabalhadoras/es, o período mais “puxado”, o dia e a noite se mesclam em meio ao trabalho. Na comunidade de Rincão dos Alves, há fumicultoras/es que cultivam o tabaco da espécie *Virgínia*, comumente chamado de “fumo de estufa”, por contar com grandes fornos movidos a lenha no processo de secagem das folhas. De hora em hora, cabe a um membro da família reparar a temperatura. Assim, as noites de sono são interrompidas pelo apito da estufa que anuncia a necessidade de manutenção da caldeira. Antes da chegada do alvorecer, as/os trabalhadoras/es se dirigem à lavoura, arrendadas de terceiros e parcialmente distantes das residências. Todavia, para o desenrolar desse trabalho há a manutenção de redes de solidariedade entre parentes e vizinhos, em lógicas de “ajuda-mútua” que ainda se mantém, mesmo nesse rural que inaugura, cada vez mais, relações sociais e de trabalho individualistas e pragmáticas. Assim, mesmo imersos em um sistema que se impõe econômica e socialmente, preza-se por lógicas próprias, que podem ser caracterizadas como resistências cotidianas, com base em James Scott (1976), ou seja, resistências sutis, dissimuladas e informais, sem objetivos públicos e simbólicos contra os detentores do poder ou aqueles hierarquicamente superiores.

Mesmo sob a justificativa de tecnificação proporcionada pela modernização, o cultivo do tabaco permanece sendo exclusivamente manual e, o corpo, mantém-se como

o principal instrumento de trabalho. Desse modo, equipara-se o corpo camponês de Rincão dos Alves a uma máquina, ou seja, é um corpo acostumado ao trabalho, exposto, desde muito cedo, mediante o processo de socialização, à duras rotinas. Essa noção de “corpo-máquina” remete aos escritos de Michel Foucault (2011) quando trata do poder disciplinar, isto é, aquele que se manifesta no corpo dos indivíduos, docilizando-o com o intuito de maximizar sua utilidade. Quanto mais dócil, mais útil esse corpo é.

Ademais, as/os fomicultoras/es de Rincão dos Alves se reconhecem como descendentes de imigrantes europeus chegados ao Brasil por meio do processo e colonização do século XIX. Nesse sentido, tomam para si a ideia do trabalho como “virtude étnica”, como qualidade intrínseca a sua etnia, como aponta Giralda Seyferth (1986) em seus estudos com colonas/os no sul do Brasil. Assim, se mantém no imaginário dessa população os tempos da colonização, as dificuldades após a chegada em terras brasileiras e, principalmente, a domesticação da natureza hostil mediante o trabalho. Maria Catarina Zanini e Miriam dos Santos (2009) já apontam essa construção que toma a noção de trabalho como um valor entre descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. De acordo com estas antropólogas, quando chegaram no Brasil, não havia opção senão vender a força de trabalho e fazer dela um motor de ascensão social. Assim, o trabalho (pesado, árduo e disciplinado) se transforma em parte constituinte da identidade desses descendentes (ZANINI, SANTOS, 2009).

Todavia, isso não quer dizer que esse corpo disciplinado e imerso em uma grande carga de trabalho não canse ou não adoça, principalmente, perante o trabalho despendido na fomicultura. Além dos sintomas físicos, como dores, as recorrentes intoxicações acarretadas pela doença da folha verde<sup>5</sup>, há as comorbidades psicoemocionais, sendo a mais comum, a depressão. Há ainda, estudos de diferentes regiões no sul do Brasil, onde se encontra 98,5%<sup>6</sup> da produção de tabaco, relatando a nocividade dessa cultura na psique das/os trabalhadoras/es que a ela se submetem (CARGNIN, TEIXEIRA, MANTOVANI, LUCENA, ECHER, 2016; CASTRO; MONTEIRO, 2015; DREBES, 2019; PICOLOTTO, LEVY, BONALDO, 2021).

---

<sup>5</sup> A doença da folha verde se resume a uma intoxicação aguda acarretada pelo contato direto da planta, quando úmida, com a pele. A nicotina é sugada pelos poros acarretando náuseas, vômito, fortes dores de cabeça, tontura e insônia.

<sup>6</sup> Dados obtidos pela Agência Pública. Disponível em: <https://apublica.org/especial/tabaco-e-saude-mental/> (acessado em agosto de 2022)

As agroindústrias estabelecem, ainda, relações distantes com as/os fumicultores não abrindo margem para a negociação do produto final, impossibilitando que estes se reconheçam enquanto “donas/os” do que cultivam. Desse modo, há uma alienação desse processo produtivo que, embasado em uma lógica regida pelo capital neoliberal, transforma o trabalho dessas famílias em mercadoria, suprimindo a demanda do mercado mais amplo, da exportação de *commodities* que rege o agronegócio brasileiro (HEREDIA, LEITE, PALMEIRA, 2008; ALVES, 2011). Assim, de acordo com Joel Marin (2010) as agroindústrias fumageiras representam um oligopólio empresarial, estando em uma posição de superioridade econômica, política e social e, acrescentamos, que esse agronegócio se baseia na exploração de corpos e sujeitos desprovidos desses atributos sociais.

O agronegócio, da monocultura, definido pela antropóloga Anna Tsing (2015), como símbolo da dominação colonial e baseando-se na domesticação tanto de plantas quanto de mulheres, centra-se na figura do homem. Fomentando a ideia do “homem-provedor”, quem assina o contrato com as agroindústrias, quem administra o trabalho despendido nessa cultura, assim como os ganhos obtidos, é a figura masculina. Apesar disso, as trabalhadoras rurais de Rincão dos Alves participam ativamente do trabalho na lavoura e, nesse espaço, “pegam parêlho com os homens”, se não exercendo as mesmas funções que os homens, sabendo executá-las. Porém, o trabalho destinado às mulheres frente a fumicultura tem duas características principais. A primeira delas é que suas funções são marcadas pela monotonia, como no processo de repicagem da planta, no qual as mudas são separadas em viveiros ou ainda no processo de seleção das folhas, um trabalho que se desenrola por semanas ou até meses, abancadas no galpão sob o forte odor do tabaco já desidratado selecionando as folhas uma a uma. Outra característica do trabalho feminino na fumicultura é uma espécie de assessoramento ao masculino, como no processo de transferência das mudas para a terra. Com uma máquina de uso manual, manejada pelos homens, as mulheres caminham ao seu lado, com as bandejas penduradas por um pedaço de pano no pescoço, suspensa na altura da cintura, colocando as mudas, uma a uma, neste instrumento.

Essas problemáticas características atreladas ao trabalho feminino legitimam a ideia de que o labor despendido pelas mulheres no âmbito produtivo seja classificado como “ajuda” ao marido, justificando a falta de reconhecimento que resulta na desigual distribuição dos ganhos obtidos na cultura do tabaco. Assim, é sabido, de acordo com a

filósofa Silvia Federici (2017) que o capitalismo não inaugura o patriarcado, mas, sem dúvidas, o intensifica. Assim, essas trabalhadoras experienciam em seu cotidiano uma bricolagem entre esfera produtiva e reprodutiva, entre o trabalho da casa e da lavoura, estando expostas a no mínimo uma tripla jornada de trabalho. Trabalho este que é diário, monótono e solitário, sem deixar de ser extenuante.

## **O TRABALHO DA CASA E DO CUIDADO**

Transmitidos de geração em geração por/entre mulheres, os conhecimentos advindos do processo socializador no mundo camponês preza por práticas e lógicas locais que demarcam um dado modo de vida, relacionado a ancestralidade e a constituição histórica e social desse território. Reconhecendo-se como colonas, são saberes que remetem aos seus antepassados, os imigrantes europeus, fomentando e, de certo modo, buscando a positivação dessa identidade. São, ainda, saberes tradicionais, que, de acordo com a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha (2017), são formas de pensar e agir no mundo, sendo múltiplos e, ao mesmo tempo, tendo validade local. Dessa forma, entendemos que as quitandas estão intrinsecamente relacionadas ao papel social designado a essas trabalhadoras rurais enquanto mulheres, esposas, mães, cuidadoras e agricultoras. Porém, apresentam-se também, como formas de agenciamento, ou seja, a possibilidade de criação de um viés cultural diferente daquele que, estruturalmente, lhes foi apresentado, como define Sherry Ortner (2007).

As quitandas, além de suprirem a alimentação das famílias<sup>7</sup>, são destinadas à comercialização em circuitos curtos e pela via da informalidade – que permite que as práticas e técnicas seculares sejam mantidas e se transformam em renda que gera autonomia. A principal forma de escoamento dessa produção ocorre com comerciantes urbanos, que ocupam a posição de intermediários, revendendo, em seguida, esses produtos em seus estabelecimentos nas cidades próximas. Ao mesmo tempo que

---

<sup>7</sup> Seguindo a lógica da venda do excedente, rompida com a produção de tabaco que é direcionada apenas ao mercado.



adquirem as quitandas, esses comerciantes vendem industrializados, como “moeda de troca”. Essa relação, por vezes, é dispare, pois além dos intermediários estipularem baixos preços aos produtos das agricultoras e altos custos aos seus, ainda buscam fazer imposições ao trabalho despendido na produção das quitandas. Há, ainda, a venda direta à trabalhadoras/es urbanos, os “clientes fiéis”, fomentando trocas simbólicas e relações de amizade. Assim, quem consome esses produtos são basicamente cidadãos urbanos que reconhecem a procedência desses produtos e atribuem a eles valor simbólico, uma vez que Jaguari ainda mantém vivo no imaginário dos seus habitantes a vinda dos imigrantes europeus ao Brasil. Por sua produção e consumo se relacionarem com as identidades vigentes neste contexto, caracterizamos as quitandas camponesas como patrimônios materiais e imateriais.

Os ganhos advindos dessa comercialização ficam sob gerência das trabalhadoras rurais de Rincão dos Alves e são destinados, principalmente, aos gastos familiares, na compra de eletrodomésticos e objetos que melhorem a qualidade de vida, proporcionando maior conforto. Além disso, é por meio desse recurso que se compra roupas, alimentos diversos, que não são produzidos por eles, como café, arroz, feijão, produtos de limpeza e utensílios em geral. Esse recurso financeiro é denominado de “dinheiro pingadinho”, pois “entra” de forma gradual, aos poucos e distintos dos ganhos da fumicultura, que são recebidos em um curto espaço de tempo. O “ganho” da fumicultura é destinado, em sua maior parte, ao pagamento das dívidas efetuadas para a produção do fumo. Para além, obviamente, essas trabalhadoras rurais satisfazem as próprias necessidades de consumo e, a decisão de direcionar para a família passa, sempre, por elas. O que se observa, nas práticas cotidianas, ao acompanhar os processos de compras e vendas é que há uma reprodução das lógicas camponesas, em que a família, como valor, acaba sendo o destino dominante dos recursos.

Observa-se, igualmente, que as quitandas instituem e mantêm também redes de solidariedade e reciprocidade com parentes e vizinhos, nas quais há a gratificação de favores e, também, uma circulação de alimentos e de excedentes. O trabalho dessas mulheres, entretanto, é pouco reconhecido no interior das famílias e visto também como um ganho secundário, quando comparado com a renda advinda da produção do tabaco. Trata-se de um espaço de trabalho muitas vezes invisibilizado. Concordamos assim com Silvia Federici (2017) quando salienta que o trabalho reprodutivo, em nossa sociedade

capitalista, é, desde os primórdios, classificado como um não trabalho. Essa perspectiva subtrai seu reconhecimento social, jurídico e familiar que de fato lhe é cabível.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ainda que a recente inserção da fumicultura tenha acarretado inúmeras mudanças, como o uso predatório da propriedade familiar, a perda de autonomia dos trabalhadores e trabalhadoras frente às imposições das multinacionais do tabaco, endividamentos que colocam em risco a propriedade e, ainda, a exacerbação e precarização da jornada laboral dessas famílias, existem práticas e saberes que são mantidos, sobretudo, mediante o trabalho feminino. Dentre essas práticas, destacamos as quitandas, um compilado de produtos como o queijo colonial, ovos, frutas (frescas ou em compotas), entre outros que são destinados ao mercado em circuitos curtos pela via da informalidade, mas, ao mesmo tempo, mantém redes de solidariedade e reciprocidade, principalmente, pela distribuição de alimentos.

Os principais consumidores são cidadãos citadinos que reconhecem a procedência desses produtos e agregam-lhes valor simbólico, sobretudo, pela manutenção das raízes europeias, advindas do processo de colonização. Produzir as quitandas, assim como consumi-las é uma forma de fomentar essa identidade. São, assim, saberes que transitam entre a memória e as práticas cotidianas.

Assim, concluímos que as quitandas preservam os saberes tradicionais locais, seculares, atrelados a produção de alimentos, ao trabalho na terra e as origens familiares se contrapondo a homogeneizadora racionalidade capitalista expressa pela presença das agroindústrias fumageiras em Rincão dos Alves. Além disso, essa produção, na maioria das vezes, mantém uma relação com o território, proporcionando uma melhoria de vida para as famílias e também para a comunidade, sobretudo, pela lógica de distribuição de alimentos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABU-LUGHOD, L. Can There Be A Feminist Ethnography?. **Women & Performance: A Journal of Feminist Theory**, 5:1, 7-27, 1990.

ALVES, A. F.; **Espaço e território**: Interpretações e Perspectivas do desenvolvimento. Francisco Beltrão: Unioeste, 2005.

ALVES, G. Trabalho flexível, vida reduzida e precarização do homem que trabalha: perspectivas do capitalismo global no século XXI. In: G. Alves, A. L. Vizzacaro-Amaral, & Mota, D. P. (Orgs.) **Trabalho e saúde**: a precarização do trabalho e a saúde do trabalhador no século XXI (pp. 39- 55). São Paulo: LTr Editora, 2011.

BARTH, F.. Os grupos étnicos e suas fronteiras. In: LASK, T.. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.  
CARGNIN, M. C. S.; TEIXEIRA, C. de C.; MANTOVANI, V. M.; LUCENA, A. de F.; ECHER, I. C.; Cultura do tabaco *versus* saúde dos fumicultores. **Texto Contexto Enferm.**, vol.25, n.2, e2940014. Epub June 27, 2016.

CASTRO, L. S. P.; MONTEIRO, J. K.; Fumicultores advertem: a causa do seu sofrimento é a exploração no trabalho. **Psicologia&Sociedade**, 27 (1). São Leopoldo-RS, 2015.

CUNHA, M. C. da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 2007.

DREBES, M. L. **Suicídio de fumicultores familiares: construções de um problema social**. Santa Maria, Rs. Tese de doutorado. UFSM, 2019.

FEDERICI, S. **O Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo, Elefante, 2017.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramallete. 38ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2010.

HEREDIA, B.; PALMEIRA, M.; LEITE, S. P.. Sociedade e Economia do “Agronegócio” no Brasil. **RBCS**, Vol. 25, n. 74, 2010.

MARAFON, G. J.. Permanências e mudanças no campo: uma leitura sobre as transformações recentes no espaço rural fluminense In: MENDONÇA, F. A.; LÖWENSAHR, C. L.; SILVA, M. (orgs). **Espaço e tempo**: complexidades do desafio e do pensar geográfico. Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento de Antonina. Rio de Janeiro: Gamma, 2009.

MARIN, J. O. B. O agronegócio e o problema do trabalho infantil. **Revista Sociologia e Política**, vol.18, n.35, pp.189-206. Curitiba, 2010.

ORTNER, S. B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 375-405, jul./dez. 2007.

ORTNER, S.. **Dark anthropology and its others**: Theory since the eighties. *Journal of Ethnographic Theory*: HAU. Vol, 6, N. 1, 2016.

PICOLOTTO A.; LEVY C.; BONALDO M.; 2021. Depressão, ansiedade e suicídios: a realidade dos que plantam tabaco no Brasil. Reportagem. **Agência Pública**, 2021.

SEYFERTH, G. Imigração, colonização e identidade étnica (notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem europeia no sul do Brasil). **Revista de Antropologia**, (29), 1986.

TSING, A. **Margens indomáveis**: cogumelos como espécies companheiras. Florianópolis: Ilha R. Antr., 2015.

WOORTMANN, E.. Teorias do campesinato e teorias do parentesco. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, Brasília: UnB, 1995.

ZANINI, M. C. C.; SANTOS, M. de O.. O trabalho como “categoria étnica”: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975). **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, ano XVII, n° 33, p. 175-196, 2009.